

SUPER ESPORTES

Política

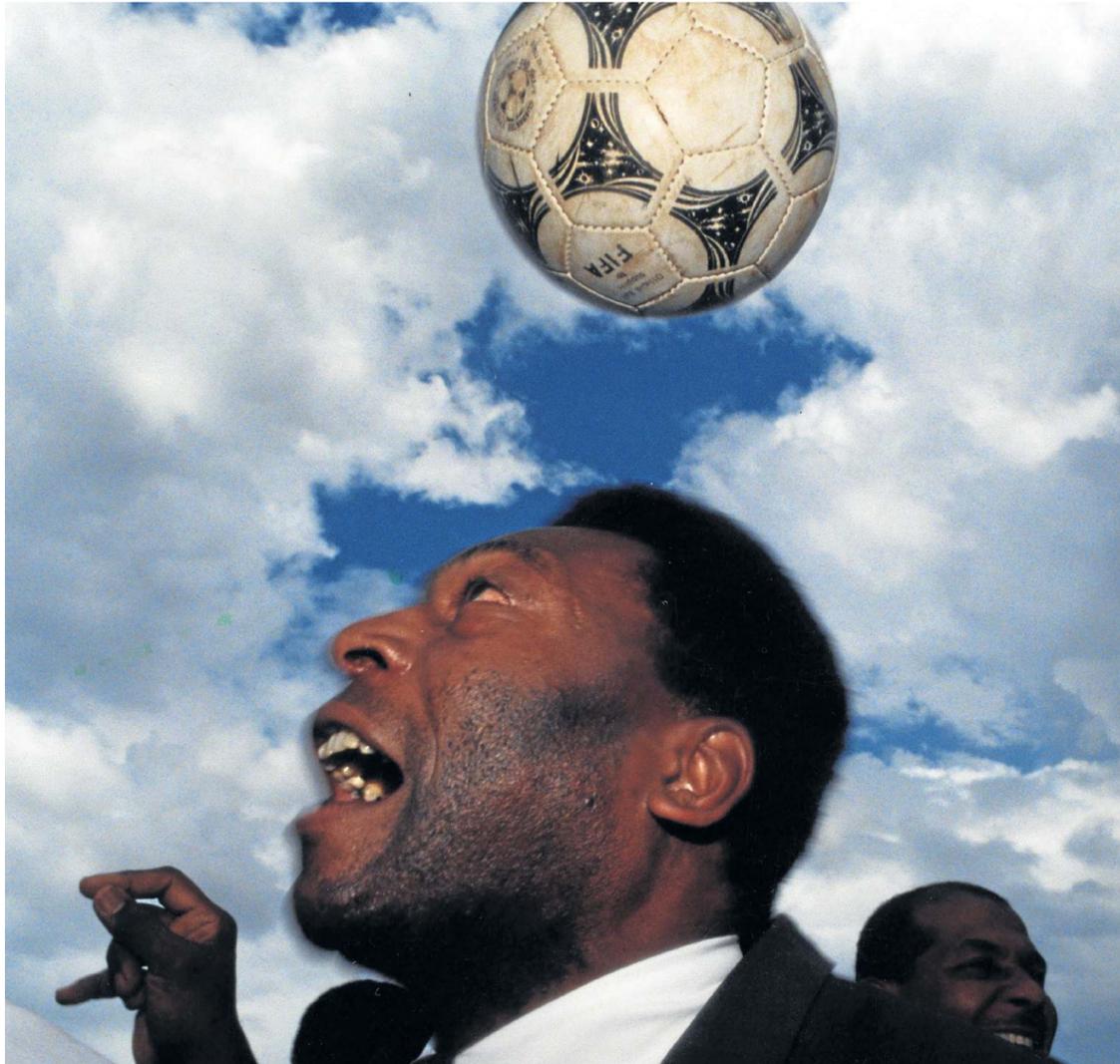
Especial

Pelé

Rei amigo e inimigo do Estado

De ministro dos Esportes no governo FHC às brigas de cão e gato com João Havelange e o Regime Militar antes da Copa de 1974

Wanderlei Pozzembom/CB/D.A Press



De terno e gravata, Pelé faz embaixadinhas com a cabeça. Astro foi o primeiro nome a ocupar a pasta governamental do esporte entre 1995 e 1998

Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, vivia em um mundo à parte monárquico, mas algumas vezes saiu do trono para assumir um papel, digamos, republicano. Foi assim, por exemplo, em 1995, quando aceitou a missão de assumir o Ministério do Esporte no primeiro mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Comandou a pasta por três anos e fez um barulho danado. Queria modernizar o futebol. Um dos caminhos era a garantia dos direitos trabalhistas dos atletas. Na gestão do Rei, FHC sancionou a Lei Pelé. Deu pano para as mangas.

O texto previa a extinção do passe nos contratos dos jogadores de futebol com os clubes. Dava mais autonomia nas relações. Era praticamente uma carta de alforria. À época, os atletas eram praticamente propriedade dos times. Incomodado com a influência do Estado nas relações trabalhistas, o então presidente da Fifa, João Havelange, ameaçou tirar o Brasil da Copa de 1998. Confeccionado em uma era analógica, o texto elaborado há mais de 20 anos passa por uma atualização para a era digital no Congresso Nacional.

As relações de Pelé com a política começaram bem antes, no Regime Militar. Alguns o consideravam

“Poucos brasileiros levaram o nome do nosso país tão longe feito ele. Por mais diferente do português que fosse o idioma, os estrangeiros dos quatro cantos do planeta logo davam um jeito de pronunciar a palavra mágica: Pelé”

Lula, presidente eleito do Brasil

“Com pesar o passamento de um homem, que, pelo futebol, levou o nome do Brasil para o mundo. Transformou o futebol em arte e alegria. Que Deus conforte sua família e que o acolha na sua infinita misericórdia”

Jair Bolsonaro, presidente do Brasil

próximo demais do poder. Outros, perigosamente distante daquele sistema. Depois do tri, em 1970, o craque decidiu deixar a Seleção. Não cedeu à pressão para que fosse à Alemanha defender o título em 1974. Diante da negativa, não teve direito sequer a uma homenagem

no adeus. O governo considerou a atitude indisciplinada esportiva.

O então ministro Jarbas Passarinho explicou à época por que a aposentadoria de Pelé da Seleção estava sendo ignorada pelo regime. “Só na despedida definitiva é que governo e o povo lhe prestarão

a consagração que o encerramento justificara”, alegou.

Presidente da Confederação Brasileira de Desportos, rebatizada de CBF, João Havelange recorreu às leis para impor a presença de Pelé na Copa de 1974. Apelou ao decreto-lei 5.199. O texto lhe dava o direito de “requisitar qualquer jogador” sujeito a “ser suspenso e sofrer outras punições legais, dentro da legislação” em caso de recusa.

O último apelo para que ele representasse o Brasil no Mundial foi feito aqui na capital do país. Em janeiro de 1972, a imprensa destacou: “Pelé não aceitou, ontem à tarde, em Brasília, o último e mais importante apelo de quantos lhe foram feitos para voltar à Seleção Brasileira: do presidente Garrastazu Médici, que o apresentou ‘na condição de representante da torcida brasileira’, durante audiência concedida no Palácio do Planalto ao jogador e à diretoria do Santos.”

O “não” foi um golpe também em Havelange, que tentava organizar um torneio com as principais seleções do mundo em 1972. Era parte de sua campanha para assumir a presidência da Fifa, que viria a ser bem-sucedida. Mas o torneio não foi. Além de Pelé, Alemanha, Itália e Inglaterra também não quiseram participar.

Economia

Astro brilhou na publicidade

Pelé não foi gigante apenas nos gramados. No campo dos negócios, também teve importância. A vitoriosa história profissional deu ao Rei do Futebol uma marca valiosa e prestigiada pelo mercado. Mesmo demorando a entender a dimensão financeira que tinha, o craque empilhou negócios pessoais e foi garoto-propaganda de marcas nos mais diversificados setores da economia.

Ídolo muito antes de o marketing esportivo virar moda, o Rei pouco aproveitou sua imagem nos tempos de atleta. No início dos anos 1960, quando já era campeão mundial, quase associou seu nome a uma fabricante de pinga. Retrocedeu quando percebeu que a “cadinha Pelé” poderia ser algo negativo para um atleta. No tri de 1970, se abaixava para amarrar as chuteiras com frequência. O ato promovia a marca que o calçava.

Quando deixou o Santos e foi para o Cosmos, nos Estados Unidos, entendeu melhor a dimensão da marca Pelé. Divulgou refrigerantes, pilhas, esponjas de aço, video-games, cafés, roupas, carros, lojas, tônicos, empresas de telefonia, de cartão de crédito, de móveis... Até mesmo o Viagra contou com a imagem dele. Porém, recusou promover bebidas e cigarros.

Marca registrada, o Rei roubava a cena, seja qual fosse o produto.

Os contratos, fechados com o auxílio do assessor Pepito, nem sempre eram pomposos. Isso mudou nos anos 2000, quando se associou à Prime Licenciamentos. Em 2007, o empresário protagonizou um episódio constrangedor. No velório de Sandra Regina, filha que conquistou tal reconhecimento na Justiça, o astro não compareceu e enviou uma coroa de flores em nome das “Empresas Pelé”. O adereço parou no canto da sala.

Quando completou 70 anos, em 2010, Pelé teve a marca avaliada em R\$ 600 milhões. Nenhuma crise, tão grave fosse, impactou o valor do Rei. Dois anos depois, concentrou todos os seus interesses comerciais na Legends 10. Nos anos finais da vida, não fechava nenhum acordo comercial por menos de R\$ 2 milhões.

Nem por isso parou de ser acionado. Rosto da MasterCard, perdeu o sorteio da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, pela concorrente Visa patrocinar a Fifa. Uma das últimas ações foi de junho de 2021, quando contracenou com Mark Zuckerberg. “Não há dúvida de que ganhei mais dinheiro com as propagandas do que cheguei a sonhar quando jogava futebol”.

Brasil

Personalidade onipresente

Edson Arantes do Nascimento não foi do Brasil. Ele é. E seguirá sendo. Afinal, nem mesmo a morte, ontem, aos 82 anos, em São Paulo, conseguirá apagar os feitos e as memórias. De norte a sul do país, o Rei do Futebol está eternizado em nomes de ruas, avenida e museus. A nação pentacampeã estará sempre rendida à Majestade das quatro linhas.

Segundo levantamento do **Correio**, oito ruas brasileiras são batizadas com o nome do maior craque que os olhos viram e os ouvidos já ouviram. Uma delas muito especial para Pelé. No centro de Três Corações, em Minas Gerais, Edson Arantes do Nascimento indica os caminhos de uma cidade movida pelo amor ao Rei do Futebol.

As homenagens ainda em vida ao eterno camisa 10 do Santos e da Seleção Brasileira também foram feitas nos municípios paulistas de Campinas, Iguapé, São José do Rio Preto, o carioca Cabo Frio, o maranhense São José de Ribamar, o pernambucano Caruaru e o mato-grossense Apiaçás. Em Botuporã (BA), de aproximadamente 11 mil habitantes, uma avenida se destaca: a Edson Arantes do Nascimento, ligação importante da cidade baiana.

Pode parecer pouco, mas não é. Afinal, a legislação da maioria dos municípios brasileiros não permite batizar ruas, avenidas, pontes e viadutos com nome de pessoas vivas. Porém, Pelé é Pelé. Foi muito mais que um jogador. Tornou-se referência esportiva que atravessou gerações.

As homenagens ao ídolo máximo do esporte brasileiro não estão restritas aos logradouros. Gênio que foi, Edson merecia um estádio para chamar de seu. Quatro meses após o tricampeonato mundial da Seleção Brasileira, em 1970, no México, o Governo do Estado de Alagoas inaugurou a principal praça esportiva sob o batismo de Rei Pelé. Naquele 25 de outubro, mais de 45 mil pessoas testemunharam a goleada do Santos por 5 x 0 sobre a seleção alagoana. Pelé não marcou, mas a sua presença bastou.

A trajetória pediu para que o Rei tivesse museus que contassem a história dele. Em Três Corações, a “Casa Pelé”, uma réplica da residência na qual morou no início da vida, foi erguida a partir das memórias de Dona Celeste Arantes do Nascimento e Jorge Arantes, mãe e tio. Com a partida do craque, a movimentação turística no interior mineiro certamente aumentará.

DETALHES TÃO PEQUENOS DO REI Pelé

21/2/1966

O primeiro casamento
Casa-se, pela primeira vez, com Rosemeri Cholbi. Tiveram três filhos: Kelly Cristina (nascida em 1967), Edinho (1970) e Jennifer (1978). Eles se separaram em 1978.

7/1966

Deixou a marca
Em seu terceiro Mundial, na Inglaterra, marca apenas um gol, na estreia, contra a Bulgária (2 x 0). A Seleção Brasileira caiu precocemente para Portugal.

17/7/1968

Voltou do chuveiro
Pelé é expulso contra a seleção olímpica da Colômbia pelo árbitro Guillermo Velásquez. A torcida xiu, clamou pela volta do Rei, que foi chamado de volta pelo juizão.

4/2/1969

Parou uma guerra
O Rei foi responsável por parar o conflito civil iniciado em 1967 na Nigéria, após excursão do Santos pela África. Os confrontos foram retomados no dia seguinte.

12/11/1969

O milésimo gol
Foi de pênalti, na vitória do Santos sobre o Vasco, por 2 x 1, no Maracanã. Apesar das divergências sobre a data, Pelé festeja esta como a milésima bola na rede.

21/6/1970

Único na história
O Rei do Futebol se torna o primeiro e único jogador, até hoje, a conquistar três títulos da Copa do Mundo dentro das quatro linhas (1958, 1962 e 1970).

Arquivo/AE



18/7/1971

O adeus à Amarelinha
Despede-se da Seleção Brasileira após o empate com a Iugoslávia, por 2 x 2. Ao todo, Pelé disputou 92 jogos pelo Brasil, com 77 bolas na rede guardadas.

2/10/1974

Gratidão ao Santos
Aos 22 minutos do jogo contra a Ponte Preta, ajoelhou-se em campo na despedida do Peixe. Pelo alvinegro foram 116 jogos e 1091 bolas na rede.

1975

Uma nova era
Pelé aceita proposta de US\$ 7 milhões por ano para defender o New York Cosmos e difundir a modalidade em terras norte-americanas.

2/10/1977

Aposentadoria
Fez sua partida de despedida na vitória do Cosmos sobre o Santos, por 2 x 1. Jogou um tempo em cada time. Depois de aposentado, voltou a campo em jogos não oficiais